



UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
Programa de Pós-Graduação em Educação em Direitos Humanos

Carlos Roberto de Miranda

**DOM QUIXOTE E SANCHE PANÇA NA “ILUSÓRIA LUTA” DOS DIREITOS
HUMANOS**

Diamantina
2024

Carlos Roberto Miranda

**DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA NA “ILUSÓRIA LUTA” PELA CONQUISTA
DOS DIREITOS HUMANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Direitos Humanos da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Machado

**Diamantina
2024**

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

M672d Miranda, Carlos Roberto de
2024 DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA NA "ILUSÓRIA LUTA" DOS DIREITOS
HUMANOS [manuscrito] / Carlos Roberto de Miranda. --
Diamantina, 2024.
46 p.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Machado.

Monografia (Especialização em Educação em Direitos
Humanos) -- Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri, Curso de Especialização em Educação em Direitos
Humanos, Diamantina, 2024.

1. Direitos Humanos. 2. Direitos Individuais. 3. Justiça
Social. 4. Idealismo. 5. Solidariedade. I. Machado, Dr. Júlio
César. II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFVJM com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Este produto é resultado do trabalho conjunto entre o bibliotecário Rodrigo Martins Cruz/CRB6-
2886
e a equipe do setor Portal/Diretoria de Comunicação Social da UFVJM

Carlos Roberto de Miranda

**DOM QUIXOTE E SANCHE PANÇA NA “ILUSÓRIA LUTA” DOS DIREITOS
HUMANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos exigidos para a obtenção título de Especialista em Educação em Direitos Humanos, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Orientador(a): Dr. Julio Cesar Machado

Data de aprovação 25/11/2024

Documento assinado digitalmente
 **JULIO CESAR MACHADO**
Data: 08/12/2024 11:47:59-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Julio Cesar Machado
Departamento de Letras e Linguística / Campus de Passos – UEMG – Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ANDRE CARNEIRO RAMOS**
Data: 08/12/2024 14:34:44-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. André Carneiro Ramos
Departamento de Letras e Linguística / Campus de Passos – UEMG

Documento assinado digitalmente
 **PAULO ROBERTO BARRETO CAETANO**
Data: 08/12/2024 20:27:32-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Paulo Roberto Barreto Caetano
Departamento de Formação Geral / Campus de Belo Horizonte – CEFET

Diamantina

À minha querida neta Bia (que acaba de chegar ao mundo),

Neste momento tão especial, dedico a você este trabalho de conclusão de curso em Direitos Humanos, com todo o amor e carinho que um coração pode oferecer. Você é a luz que ilumina nosso caminho e a esperança que renova nossas forças.

Que você cresça em um mundo onde a justiça, a igualdade e o respeito ao próximo sejam pilares fundamentais. Que suas pequenas mãos sejam sempre guiadas pela compaixão e pela solidariedade, e que seu coração esteja sempre aberto para lutar por um futuro mais justo para todos.

Lembre-se de que cada passo que você der pode fazer a diferença. Que sua vida seja repleta de conquistas e que você nunca perca de vista a importância de defender os direitos humanos, não apenas para si, mas para todos ao seu redor.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha profunda gratidão a todos que tornaram esta jornada possível! Este trabalho não é apenas um reflexo do meu esforço, mas também da contribuição de pessoas incríveis que estiveram ao meu lado.

Primeiramente, agradeço à minha família, que sempre acreditou em mim e me apoia incondicionalmente. Suas palavras de incentivo e amor foram a força que me impulsionou em cada desafio. Vocês são a minha base e a razão do meu sorriso!

Aos meus amigos, obrigado por cada momento de descontração e por estarem sempre prontos para ouvir minhas ideias malucas. Vocês tornaram essa jornada muito mais leve e divertida!

Um agradecimento carinhoso aos professores dessa jornada; e, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Júlio César Machado, cuja sabedoria e paciência foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico. Suas orientações me guiaram em cada passo, e sou eternamente grato por compartilhar seu conhecimento.

Por fim, agradeço a cada pessoa que cruzou meu caminho durante essa trajetória. Cada interação, cada conversa, me trouxe aprendizados valiosos que levarei para toda a vida.

Este trabalho é dedicado a todos vocês! Que possamos continuar escrevendo histórias incríveis juntos! Agradeço a todos os professores, alunos e funcionários dessa instituição de ensino, que de alguma forma, contribuíram positivamente para essa formação acadêmica e intelectual.

Agradeço à Deus, por ser a força que me guia pelos melhores caminhos. Por ter me ensinado a dar valor a tudo o que me cerca e mostrando que em cada queda, há sempre aprendizado.

A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os céus deram aos homens; não podem se comparar com ela os tesouros que a terra abriga nem o mar esconde; pela liberdade, assim como pela honra, se pode e se deve arriscar a vida.

(CERVANTES, Dom Quixote, Livro 2, Cap. LVIII)

RESUMO

Este trabalho analisa a obra "Dom Quixote", de Miguel de Cervantes, sob a perspectiva dos direitos humanos e da busca por justiça. O protagonista, Dom Quixote, é apresentado como um símbolo de luta contra injustiças sociais, refletindo um idealismo que, embora frequentemente distorcido por sua percepção fantasiosa, ressoa com valores fundamentais de dignidade e respeito. A narrativa quixotesca aborda como Dom Quixote busca defender os oprimidos e restaurar a honra dos injustamente tratados, enfrentando inimigos que muitas vezes existem apenas em sua imaginação, como os moinhos de vento, que simbolizam a luta entre a realidade e a ilusão. Essa confusão ilustra a complexidade da natureza humana e das relações sociais, convidando à reflexão sobre a busca por um mundo mais justo. O texto também estabelece conexões com as obras de José Saramago e pensadores como Leonardo Boff e Albert Einstein, ressaltando a importância da solidariedade e da responsabilidade individual na luta contra injustiças sociais. A obra de Cervantes é vista como um chamado universal para o engajamento na defesa da dignidade humana. Além disso, o texto discute a relevância contemporânea dos temas de "Dom Quixote", destacando que as questões de desigualdade e opressão ainda ecoam nas lutas atuais por direitos humanos. A literatura é considerada um veículo essencial para a expressão e preservação dos direitos culturais, que são uma extensão dos direitos humanos. Portanto, "Dom Quixote" não é apenas uma narrativa de aventuras, mas uma reflexão profunda sobre a condição humana e a importância da luta por justiça, convidando todos a se tornarem quixotes em suas próprias batalhas por dignidade e direitos.

Palavras-chave: Direitos Humanos – Direitos Individuais – Justiça Social – Idealismo – Solidariedade – Condição Humana – Dignidade – Busca por Justiça – Liberdade.

ABSTRACT

This study undertakes an analysis of Cervantes' novel "Don Quixote", from the perspective of human rights and the pursuit for justice. The protagonist, Don Quixote, is portrayed as a symbol of the fight against social injustices, reflecting an idealism often skewed by his fanciful perception, yet resonating with fundamental values of dignity and respect. The quixotic narrative addresses how Don Quixote seeks to defend the oppressed and restore the honor of those unjustly treated, confronting enemies that often exist only in his imagination, such as windmills, which symbolize the struggle between reality and illusion. This confusion illustrates the complexity of human nature and social relationships, inviting reflection on the search for a more just world. The text further draws connections with the works of José Saramago and the thoughts of intellectuals such as Leonardo Boff and Albert Einstein, highlighting the importance of solidarity and individual responsibility in the fight against social injustices. Cervantes' work is seen as a universal call to engage in the defense of human dignity. Furthermore, this text discusses the contemporary relevance of "Don Quixote" themes, emphasizing that issues of inequality and oppression still resonate in current struggles for human rights. Literature is regarded as an essential medium for the expression and preservation of cultural rights, which form an extension of human rights. Thus, "Don Quixote" is not merely an adventure narrative, but a profound reflection on the human condition and the importance of the fight for justice, inviting everyone to become quixotes in their own battles for dignity and rights.

Keywords: Human Rights – Individual Rights – Social Justice – Idealism – Solidarity – Human Condition – Dignity – Search for Justice – Freedom.

LISTA DE SIGLAS

UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, e, demais orientações sexuais e identidades de gênero.

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos.

ONU – Organização das Nações Unidas

PUC-Campinas – Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP)

IBA – International Bar Association

ANAMORPHOSIS – Trata-se de uma Revista Internacional de Direito e Literatura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: DOM QUIXOTE, SEU JEITO DE VER OS DIREITOS HUMANOS E NOSSA REALIDADE	14
CAPÍTULO 2: EM BUSCA DA JUSTIÇA: ENTRE IDEAIS E REALIDADES	21
CAPÍTULO 3: A REPRESENTAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E A LUTA POR JUSTIÇA EM DOM QUIXOTE	29
3.1 A Representação dos Direitos Humanos na Obra de Cervantes.....	29
3.2 A Figura do Herói Quixotesco.....	30
3.3 A Busca por Justiça e os Direitos Individuais.....	31
3.4 A Relevância Contemporânea da Obra.....	34
3.5 A Literatura como Ferramenta de Empatia nos Direitos Humanos	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

A dignidade e proteção do cidadão deve vir sustentada pelos Direitos Fundamentais Individuais. A nossa Constituição Federal, a Constituição Cidadã de 1988, é muito eficaz em trazer uma base sólida para esses direitos, promovendo a igualdade e a justiça social. Somando-se a essa situação o fato que eles são um reflexo do compromisso do Brasil com os princípios democráticos e os direitos humanos.

Corrobora essa afirmação o fato de que a Constituição Federal de 1988, em seu Título II, resgata e consagra a maioria dos direitos humanos, com destaque para os incisos §§ 2º e 3º do artigo 5º. Nesse contexto, Carlos Henrique Bezerra Leite (LEITE, 2011), ressalta que não há justificativa para estabelecer uma distinção, sob a perspectiva do direito interno, entre direitos fundamentais e direitos humanos.

Na memorável obra "Dom Quixote", de Miguel de Cervantes (CERVANTES: 2012), observamos uma crítica social que ecoa a importância dos direitos fundamentais; pois, desde o início, o protagonista, Dom Quixote, trava incessante busca no sentido de reverter as injustiças e desigualdades que ele vê ao seu redor, mesmo que de forma fantasiosa. Sua luta contra os moinhos de vento, por exemplo, simboliza a batalha contra as adversidades e a busca por um ideal de justiça.

Em outra vertente a obra é rica em retratar a dignidade humana através da figura do fiel escudeiro, Sancho Pança, que, contraditando Dom Quixote, representa o homem comum; e suas interações com Dom Quixote fazem um enfrentamento da complexidade das relações sociais e os desafios enfrentados por aqueles que buscam seus direitos e reconhecimento. Me parece lógico afirmar que assim como os Direitos Fundamentais buscam garantir a dignidade e a igualdade, a leitura de "Dom Quixote" nos convida a refletir sobre o valor da luta por um mundo mais justo e humano.

O objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre a obra "Dom Quixote", de Miguel de Cervantes, à luz dos saberes dos Direitos Humanos. Partindo da premissa quixotesca do fidalgo que se empenha em combater injustiças, lutando contra inimigos imaginários; a obra revela como ele, em sua busca, acredita ter alcançado suas conquistas de forma plena. Assim, torna-se evidente que o enfrentamento desse olhar dos direitos humanos gera a necessidade de uma "ilusória luta" pela conquista dos Direitos Individuais.

A "luta ilusória" em "Dom Quixote" simboliza a distorção entre realidade e fantasia na busca por justiça. Dom Quixote, combatendo inimigos imaginários, revela aspectos como percepção distorcida, busca por objetivos inalcançáveis e conflito entre idealismo e realidade.

Tais situações estabelecem uma relação com Direitos Humanos, levando a uma reflexão crítica sobre percepções subjetivas de justiça e a necessidade de um olhar realista.

Tomando como base o texto de Cervantes, "Dom Quixote" e sua relação com os Direitos Humanos e, em consequência, os Direitos Individuais, delimitamos os seguintes objetivos específicos:

1. **Investigar a Representação do Olhar dos Direitos Humanos na Obra:** Estudar como esse olhar dos Direitos Humanos é mostrado na obra e o que isso diz sobre a natureza humana e as relações sociais.
2. **Examinar a Figura do Herói Quixotesco:** Examinar quem é Dom Quixote como herói e por que ele luta contra as injustiças.
3. **Analisar a Busca por Justiça:** Analisar como a busca de Dom Quixote por justiça está ligada aos Direitos Individuais, mesmo que Quixote o faça de forma ilusória.
4. **Refletir sobre a Relevância Contemporânea:** Discutir como os temas da obra ainda são importantes nos dias de hoje, especialmente em relação aos direitos humanos e lutas sociais.

Esta é uma premissa evidente, como se pode inferir a partir do título da pesquisa, que a obra de Miguel de Cervantes será nosso maior referencial, mas podemos, obvio, contar com tantas outras obras da literatura, mas nos limitamos a algumas obras em específico.

Embora haja uma enorme diferença de estilo e temática, acreditamos que a obra de Saramago, "Ensaio sobre a cegueira" (SARAMAGO: 2017), corroboram com as ideias desse trabalho, pois, vemos que uma das principais conexões, nas duas obras, é a exploração da condição humana e a crítica social. Ambos os livros abordam a fragilidade da percepção humana e como isso afeta as relações sociais.

Em uma outra comparação, quando buscamos compreender as interações factíveis, em relação aos Direitos Humanos, destacamos algumas citações de Albert Einstein (EINSTEIN: 2024), que mesmo responsável por mudar o paradigma da ciência do século XX, traz em alguns de seus discursos, ou defesas, fortes convicções de que muito mais que o "criador" da revolucionária Teoria da Relatividade, estava preocupado com o complexo e intrincado Direito das pessoas, quanto às suas escolhas e opções relacionais, enquanto seu estrato social.

Albert Einstein demonstrou profunda preocupação com os Direitos Humanos e questões sociais ao longo de sua vida. Isso é evidenciado em seus escritos, declarações, ativismo e participação em organizações como: Liga Internacional pelos Direitos Humanos; Organização

das Nações Unidas (ONU); e, Conferência Internacional para a Paz. A sua contribuição vai além da ciência, refletindo uma visão humanista comprometida com justiça e igualdade.

Por fim, enquanto referencial teórico, destacamos as colaborações de Leonardo Boff (BOFF: 1997 a 2003), que faz claro em suas obras onde o principal objetivo é construir uma cidadania completa para as pessoas que vivem na pobreza e na exclusão social, começando a partir da realidade delas e garantindo que sejam protagonistas desse processo; e, para Boff, conceito que compartilhamos em comum, a cidadania plena significa respeitar todos os direitos humanos e garantir que haja condições materiais, sociais, políticas e culturais para que isso se mantenha ao longo das gerações.

Este trabalho abordará a relação entre a obra “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, e os Direitos Humanos, explorando como a literatura pode influenciar nossa compreensão sobre dignidade, justiça e igualdade. A partir da análise da obra, serão discutidos temas como a representação dos Direitos Humanos, a figura do herói quixotesco, a busca por justiça e sua relevância contemporânea. Além disso, serão consedaradas obras complementares, como “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago, e citações de Albert Einstein e Leonardo Boff, para enriquecer a reflexão sobre os Direitos Humanos e sua importância na sociedade atual.

CAPÍTULO 1: DOM QUIXOTE, SEU JEITO DE VER OS DIREITOS HUMANOS E NOSSA REALIDADE

A obra literária D. Quixote, em qualquer adjetivação que se queira dar a ela, é um marco literário, e, mais que isso, ao trazer para todo o mundo uma sátira aos antigos textos da Cavalaria e suas aventuras, fazemos honra ao autor, Miguel de Cervantes, quando do título original que se pretende dar aos escritos: *El ingenioso Fidalgo Don Quijote de la Mancha*, em espanhol (O **Engenhoso** Fidalgo Dom Quixote da região de Mancha, na Espanha – tradução livre), há que se relacionar o termo engenhoso, a partir de nossa compreensão na língua portuguesa, pois, o termo **engenhoso**, pode ser utilizado para descrever pessoas ou ideias tidas como extremamente criativas, habilidosas e, principalmente, inteligentes.

O termo engenhoso derivado do latim “*ingeniosus*”, que significa “dotado de engenho”; nos faz acreditar, portanto, nesse contexto, que o engenho, é a capacidade de criar soluções inovadoras e eficientes para problemas complexos.

A engenhosidade de Dom Quixote, tanto em sua imaginação singular, quanto em seu conhecimento cultural, é evidenciada em um de seus diálogos (quase monólogos), com Sancho Pança:

(...). Vê, quando algum pintor quer ficar famoso em sua arte, procura imitar os originais dos pintores mais exímios que conhece, e essa mesma regra vale para todos os demais ofícios ou atividades de monta que servem de adorno às repúblicas. Assim, quem quer alcançar nome de astuto e sofrido, deve imitar e imita Ulisses, em cuja pessoa e atribuições Homero nos pinta um retrato vivo da astúcia e do sofrimento, como também nos mostrou Virgílio, na pessoa de Eneias, o valor de um filho piedoso e a sagacidade de um corajoso e experiente capitão, não os pintando nem os descrevendo como eles foram, mas como deveriam ser, para que suas virtudes servissem de exemplo aos homens do futuro. (...). (CERVANTES, 2012a, p. 291).

Há que se falar, então, na provável ironia que Cervantes adota quando cria sua obra, e dá vida ao “engenhoso Cavaleiro da Triste Figura”, ainda no início do século XVII, juntamente com o início ao que a História vem chamar de modernidade, evento temporal, que, para alguns entendidos, já tenha sido superada enquanto marco, embora os princípios fundamentais permaneçam, quando estamos a discutir, buscando compreender as situações e razões sócio-culturais de nossa contemporaneidade.

Dom Quixote e Sancho Pança, segundo a narrativa de Cervantes, vão se envolver em sortidas situações que vão do absurdo ao cômico, na grande maioria devido às fantasias e delírios de Dom Quixote. Aborda, no entanto, o texto, questões mais sérias, como o jeito de se

ver os Direitos Humanos, pela vontade de “fazer” de Dom Quixote e a importância da imaginação na vida cotidiana.

Em sua obra *Ensaio Sobre a Cegueira*, Saramago faz uma narrativa específica em que evoca uma atmosfera de solidão e reflexão, com o contraste entre a frieza da noite e a ideia de um mundo onde o vento e a escuridão são quase opressivos. A menção aos cegos, que vivem em um estado permanente de dia, sugere uma metáfora profunda sobre percepção e realidade: “A noite estava fria, o vento soprava ao longo da fachada do edifício, parecia impossível que ainda houvesse vento no mundo, que fosse negra a noite, não o dizia por si, pensava, sim, nos cegos para quem o dia durava sempre” (SARAMAGO, 2017, p. 154).

Ao comparar essa ideia com a engenhosidade de Dom Quixote, podemos ver uma conexão interessante. Dom Quixote, vive em um mundo que ele interpreta de maneira única e muitas vezes distorcida. Assim como os cegos que têm uma percepção diferente da realidade, Quixote cria sua própria versão do mundo, onde ele é um cavaleiro andante lutando contra moinhos de vento que ele acredita serem gigantes.

Ambos os contextos refletem a luta entre a realidade e a percepção. Enquanto a citação sugere uma aceitação melancólica da escuridão e do silêncio, Dom Quixote representa um espírito indomável que se recusa a aceitar a realidade tal como é. Ele vê beleza e aventura onde outros veem apenas banalidade ou perigo. A engenhosidade de Quixote reside na sua capacidade de transformar o mundano em algo grandioso através de sua imaginação.

Assim, tanto na citação quanto na história de Dom Quixote, há uma exploração das limitações da percepção humana; seja pela cegueira literal ou pela cegueira metafórica diante das convenções sociais. Ambos nos convidam a questionar o que é real e até onde vai nossa capacidade de sonhar ou imaginar além do que vemos ao nosso redor.

O teólogo e filósofo Leonardo Boff, escreve:

O Universo está aberto para o futuro. A tendência é gestar formas de ser e de relacionar-se cada vez mais cooperativas e inclusivas. A vida tende a perpetuar-se e a eternizar-se. A morte é uma invenção sábia da vida para que ela possa continuar o seu curso de comunicação, de comunhão e de integração com todas as realidades. Até com a Suprema Realidade. Mas para isso ela tem de fazer uma travessia. Passar do espaço/tempo para a eternidade. Passar deste tipo de vida para outro tipo incomensuravelmente mais complexo e alto. (BOFF, 1999, 76).

A relação entre a narrativa de Saramago, a engenhosidade de Dom Quixote e o texto de Leonardo Boff pode ser vista através da lente da percepção e da transformação.

Na citação de Saramago, a noite fria e o vento simbolizam um estado de solidão e introspecção, destacando a ideia de que a realidade pode ser percebida de maneiras diferentes.

A referência aos cegos sugere que há formas de viver e perceber o mundo que vão além do que é imediatamente visível; uma ideia que ecoa a jornada de Dom Quixote, que se recusa a aceitar uma realidade limitada. Quixote constrói seu próprio mundo de aventuras e heroísmo, desafiando a visão convencional da vida.

Leonardo Boff, por sua vez, fala sobre um futuro aberto e cooperativo, onde a vida se perpetua e se integra em um ciclo contínuo. Ele propõe uma visão de evolução espiritual e relacional, onde a morte não é um fim, mas uma transição para algo mais complexo e elevado. Essa ideia ressoa com a luta de Quixote e a introspecção da citação: todos eles abordam a necessidade de uma "travessia"; seja da escuridão para a luz, da realidade limitada para uma nova compreensão ou da vida para uma nova forma de existir.

Assim como Dom Quixote busca transcender os limites impostos pela sociedade ao criar sua própria narrativa heroica, Boff nos convida a imaginar um futuro onde as relações são mais inclusivas e cooperativas. Ambos nos incentivam a olhar além do que vemos à nossa frente e explorar possibilidades mais profundas, o que pode ocorrer tanto no plano individual quanto em um plano mais plural, mais coletivo. A travessia mencionada por Boff pode ser vista como um paralelo à jornada quixotesca: uma busca por uma realidade mais rica e significativa, onde cada forma de vida encontra seu lugar na teia maior da existência.

Portanto, fica o convite para concentrarmos nessas discussões e repensar nossa percepção do mundo e abraçar as transformações necessárias para avançar em direção a um futuro mais harmonioso e interconectado.

Quanto mais se aprofunda na leitura de Dom Quixote, entendemos que seu jeito de ver o mundo, à luz dos Direitos Humanos faz parte de sua personalidade. Ele frequentemente se via em situações perigosas e imaginárias, lutando contra monstros e defendendo sua amada Dulcineia. Sua imaginação e o seu jeito de volver-se aos Direitos Humanos o levaram a acreditar que ele era capaz de realizar feitos impossíveis, como lutar contra moinhos de vento que ele pensava serem gigantes.

Atualmente, quando começamos a discorrer sobre os Direitos Humanos, os Direitos Individuais, ou seja lá que conceituação quisermos dar às conquistas de equidade, da igualdade e da Justiça Social, não raro, deparamos com situações que podem ser tidas como Quixotescas, pois muitas dessas buscas, se apresentam, ao menos de início como uma luta contra moinhos de ventos, em analogia à obra base desse nosso texto.

Portanto, Dom Quixote, a partir de suas narradas aventuras, e qualquer vivente contemporâneo que se aventura em pensar, exercitar, incentivar e desenvolver pensamentos

contraditórios ao que se tem como censo comum, pode ser visto, no estrato social, com um ser que “viaja” na contramão da história.

Muitas das nossas conquistas em relação aos Direitos Humanos e aos Direitos Individuais são frutos de lutas e ideais que, embora nem sempre viáveis, têm importância significativa. Para que uma "lei" possa surgir, é necessário transformar uma ideia em uma proposta de criação legislativa. É importante ressaltar que o que se considera uma ideia emerge das necessidades de diferentes estratos sociais.

Muito desse desejo de conquistas e fazer diferente, ao longo da história, passa, quando censo comum, tornar-se lei, ao passo que a função da lei, nada mais é que controlar as ações e comportamentos dos indivíduos de acordo com os princípios daquela sociedade.

Das possibilidades de contar com uma participação mais plural, e voltada para conquistas dos desejos e da própria liberdade, fica melhor explicada por Leonardo Boff, quando escreve:

A participação vem de baixo, todos se sentem envolvidos, todos discutem, todos são ouvidos e o consenso emerge espontaneamente. Há grande generosidade de todos. Cria-se o movimento. Ele possui um mínimo de organização, fluida, mais pontos de referência valorativa que preceitos e leis a serem seguidas por todos. O movimento apresenta uma alternativa ao establishment. É o apelo fundamental que explica seu aspecto libertário e revolucionário.

O movimento, porém, quando consegue triunfar e impor-se, muda de natureza. Vira instituição. E com a instituição entra a repetição, a rotina, a burocracia, a norma, a hierarquia de poderes. (BOFF, 1999, p. 93).

Por seu lado, Einstein, no livro Como Vejo o Mundo, uma coletânea de ensaios, podemos apreender:

Ora, nossas instituições, nossas leis, costumes, todos os nossos valores se baseiam em sentimentos inatos de justiça. Existem e se manifestam em todos os homens. Mas as organizações humanas, caso não se apoiem e se equilibrem sobre a responsabilidade das comunidades, são importantes. Devo despertar e sustentar esse sentimento de responsabilidade moral; é um dever em face da sociedade. (EINSTEIN, 2024, p. 17).

A intersecção entre os dois textos reside na importância da participação comunitária na criação de normas e leis. Boff fala sobre a necessidade de um movimento participativo que surge organicamente, enquanto Einstein destaca a relevância dos sentimentos de justiça como base para qualquer estrutura legal. Ambos reconhecem que as instituições podem se tornar rígidas e burocráticas, mas enquanto Boff se concentra mais na dinâmica do movimento que se

torna instituição, Einstein enfatiza a necessidade de uma base moral sólida para sustentar essas instituições.

Assim como Dom Quixote, em sua busca por justiça e verdade, se lançava contra moinhos de vento que simbolizavam as injustiças do mundo, podemos concluir que para criar leis eficazes e justas, é essencial equilibrar a participação ativa da comunidade a um compromisso com valores universais de justiça. A vitalidade das instituições, tal como o idealismo do cavaleiro andante, depende da capacidade de manter esse equilíbrio entre liberdade criativa e responsabilidade moral. Isso nos convida a refletir sobre como podemos preservar o espírito original dos movimentos sociais, assim como Quixote tentava manter viva a chama da cavalaria, enquanto construímos estruturas legais duradouras que não se tornem meras sombras do que foram.

Logo, não é um excesso de zelo dizer que a conquista dos Direitos Individuais, ao estabelecer em princípios e fundamentos é também uma ação para controlar as ações e comportamentos das pessoas, de acordo com suas conquistas.

Evidente, que é relevante buscar compreender que todo esse olhar, que as vezes pode ser visto como absurdo, faz chegar às conquistas e, acima de tudo, as garantias dessas conquistas, principalmente em relação aos Direitos Individuais, são, ao longo da História e de seus contextos, eventos que fazem sobressair as vontades e necessidades mais íntimas do Ser Humano. Acreditar que o simples ato de Ser Humano já nos torna evidenciados e pronunciados nas condições relacionais da sociedade; e, torna-se importante compreender que partilhar das informações e conhecimentos vem fazer valer e assegurar essas conquistas.

Em “Dom Quixote”, Miguel de Cervantes explora a dicotomia entre idealismo e realidade, através da jornada do protagonista que busca justiça e honra, confundindo fantasia e realidade.

E, portanto, há que se acreditar que do modo visionário, possível e concreto de alguns, surgem ideias e fomenta no humano o desejo de garantir e assegurar para tantos outros os Direitos Individuais, em um contexto que chega à amplitude dos Direitos Humanos, que acreditamos ser dever de pertença a todos.

Dom Quixote é um personagem que encarna o idealismo, buscando transformar a realidade à sua maneira, mesmo que isso o leve a confusões e desilusões. Leonardo Boff, em seus escritos sobre ecologia, justiça social e espiritualidade, também propõe uma visão utópica de mundo, onde a transformação social é possível através da conscientização e do respeito aos direitos humanos e à natureza.

Essa abordagem de Leonardo Boff em suas obras, que se concentram em três temas principais: ecologia, justiça social e espiritualidade. Poderá ficar melhor explicada quando destacarmos tais temas:

- a) **Ecologia:** Boff é um dos pioneiros na discussão sobre a relação entre ser humano e natureza. Ele argumenta que a natureza não deve ser vista apenas como um recurso a ser explorado, mas como um sistema vivo do qual fazemos parte. Sua visão propõe uma convivência harmônica e respeitosa com o meio ambiente, enfatizando a importância da sustentabilidade.
- b) **Justiça Social:** Boff também se preocupa com as desigualdades sociais e as injustiças que afetam muitas comunidades, especialmente as mais vulneráveis. Ele defende que a transformação social é necessária para garantir direitos iguais a todos, e isso deve ser uma prioridade nas políticas públicas e nas ações sociais.
- c) **Espiritualidade:** A espiritualidade em Boff vai além da religiosidade tradicional; ele fala sobre uma conexão mais profunda com o mundo e com os outros seres humanos. Essa espiritualidade envolve uma ética de cuidado, compaixão e solidariedade, que é fundamental para promover mudanças significativas na sociedade.
- d) **Visão Utópica:** A "visão utópica" mencionada no texto refere-se à ideia de que um mundo melhor é possível. Boff acredita que, através da conscientização — ou seja, entendendo os problemas que enfrentamos e buscando soluções — podemos promover mudanças práticas. Essa utopia é baseada na esperança de que, com respeito aos direitos humanos e à natureza, podemos construir um futuro mais justo e sustentável.

Em síntese, Leonardo Boff propõe uma interconexão entre ecologia, justiça social e espiritualidade como caminho para a transformação do mundo, enfatizando a necessidade de uma nova consciência coletiva que valorize tanto os seres humanos quanto o meio ambiente.

Acredito ser possível estabelecer algumas relações interessantes entre "Ensaio sobre a cegueira" de José Saramago e "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes, apesar das diferenças de estilo e temática, e, ainda há se fazer um enfrentamento dos dois textos, muito mais pelo objeto da busca do que não se sabe bem o que é, dentro dos contextos de suas temporalidades, para respeitar a capacidade descritiva de cada autor.

Uma das principais conexões é a exploração da condição humana e a crítica social. Ambos os livros abordam a fragilidade da percepção humana e como isso afeta as relações sociais.

No livro "Ensaio sobre a cegueira", a cegueira repentina que atinge uma cidade inteira serve como uma metáfora para a falta de visão moral e ética da sociedade. Já em "Dom

Quixote", o protagonista, que se torna obcecado por histórias de cavalaria, perde o contato com a realidade e vive em sua própria ilusão, o que também reflete uma falta de percepção do mundo ao seu redor.

Uma outra relação que podemos destacar é o papel da solidão e do desamparo; pois, no texto de "Ensaio sobre a cegueira", os personagens enfrentam uma crise coletiva que revela suas vulnerabilidades e solidões individuais. Em "Dom Quixote", o protagonista frequentemente se sente isolado em suas aventuras, lutando contra moinhos de vento e buscando um ideal que ninguém mais parece compartilhar.

Ambas as obras também utilizam um tom crítico em relação às instituições sociais, como a família, o governo e a religião, mostrando como essas estruturas podem falhar em momentos de crise.

Essas conexões oferecem um rico campo para reflexão sobre a natureza humana, a realidade e as ilusões que nos cercam!

CAPÍTULO 2: EM BUSCA DA JUSTIÇA: ENTRE IDEAIS E REALIDADES

A busca por justiça é um tema que ressoa ao longo da história, atravessando diferentes culturas e épocas. Essa busca, marcada por ideais e realidades complexas, é refletida nas obras de pensadores como Leonardo Boff, Miguel de Cervantes e Albert Einstein. Cada um, à sua maneira, nos convida a refletir sobre o papel do ser humano na construção de um mundo mais justo.

Dom Quixote, o protagonista da obra de Miguel de Cervantes, busca a justiça em várias ocasiões ao longo da narrativa. A fervorosa busca por justiça é um dos principais motores de suas aventuras e reflete seu idealismo e sua visão distorcida da realidade.

Uma passagem que exemplifica bem essa posição de Dom Quixote como defensor dos fracos e oprimidos ocorre no capítulo XXII, quando ele se depara com um grupo de prisioneiros que estão sendo levados para a galera (antiga embarcação de guerra; galé). Dom Quixote, acreditando que sua missão é ajudar os necessitados, decide intervir,

— *De tudo o que me haveis contado, caríssimos irmãos, tirei a limpo o seguinte: ainda que vos tenham castigado por vossas culpas, as penas que ides cumprir não vos dão muito prazer, e que ides de mau grado e muito contra a vontade, e é bem possível que a covardia daquele na tortura, a falta de dinheiro deste e de padrinho do outro e, enfim, a opinião torta do juiz tivesse sido a causa de vossa perdição, não se fazendo a devida justiça que vós merecíeis. Tudo isso me vem agora à mente, de modo que me está dizendo, persuadindo e até forçando que mostre convosco a razão por que o céu me pôs no mundo, e me fez professar a ordem de cavalaria e o juramento que nela fiz de ajudar os necessitados e oprimidos pelos poderosos. Mas, como sei que uma das condições da prudência é não se fazer por mal o que pode ser feito por bem, quero suplicar a esses senhores guardiões e ao beleguim que de boa vontade vos soltem e vos deixem ir em paz, que não faltarão outros que sirvam ao rei em melhores circunstâncias, porque me parece muito duro tornar escravos os que Deus e a natureza fizeram livres. Além do mais, senhores guardas — acrescentou dom Quixote —, esses pobres coitados não cometeram nada contra vós. Que cada um se vire com seu pecado; no céu há Deus, que não se descuida de castigar o mau nem de premiar o bom; e não fica bem que os homens honrados sejam verdugos de outros homens, não ganhando nada com isso. Peço com toda calma e tranquilidade, para poder vos agradecer, se me atenderdes; agora, caso não o façais de bom grado, esta lança e esta espada, com a coragem de meu braço, vos farão me obedecer pela força.* (CERVANTES, 2012, pp. 260-261).

Dom Quixote diz algo como: “Eu sou um cavaleiro andante e venho em defesa de todos os oprimidos, e não posso permitir que esses homens sofram injustamente”. Essa ação

ilustra seu idealismo e a crença de que deve lutar contra a injustiça, mesmo que suas intervenções muitas vezes resultem em mais confusão do que ajuda.

A cena é significativa porque reflete a visão idealista de Dom Quixote sobre a justiça e sua disposição para agir em defesa dos oprimidos, mesmo quando suas ações não têm o resultado esperado e acabam causando mais problemas.

A narrativa de Dom Quixote no capítulo XXII, onde ele tenta libertar os prisioneiros, pode ser relacionada à Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de várias maneiras:

1. **Direito à Liberdade:** Um dos princípios fundamentais da DUDH é o direito à liberdade e segurança pessoal (Artigo 3). Dom Quixote, ao ver os prisioneiros acorrentados, sente que é seu dever intervir em favor dessa liberdade. Sua ação reflete a ideia de que todos têm o direito de viver livres de opressão.

DUDH, artigo 3: “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”.

2. **Luta Contra a Injustiça:** A DUDH enfatiza a importância da dignidade e do respeito por todos os indivíduos (Artigo 1). Dom Quixote acredita que sua missão é restaurar a justiça e a dignidade das pessoas, mesmo que sua visão esteja distorcida. Ele se vê como um defensor dos oprimidos, alinhando-se com o espírito da DUDH.

DUDH, Artigo 1: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

3. **Solidariedade com os Oprimidos:** A Declaração também fala sobre a necessidade de promover o bem-estar e a proteção dos direitos humanos em todo o mundo (Artigo 28). Dom Quixote age por solidariedade com aqueles que considera injustamente tratados, mostrando uma preocupação genuína pelo sofrimento alheio.

DUDH, Artigo 28: “Todo ser humano tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados”.

4. **Idealismo e Ação:** Embora suas ações possam parecer ingênuas ou até absurdas, Dom Quixote representa um idealismo que ressoa com os princípios da DUDH: a crença de que devemos lutar contra as injustiças e defender os direitos dos outros, mesmo quando isso parece uma batalha difícil.

5. **Desafios à Autoridade:** A DUDH também reconhece o direito à resistência contra a opressão e a injustiça (em um sentido mais amplo). Dom Quixote desafia as autoridades que considera injustas ao tentar libertar os prisioneiros, refletindo essa ideia de resistência.

Esses pontos mostram como as ações de Dom Quixote podem ser vistas como uma antecipação das ideias contidas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, evidenciando a luta contínua pela dignidade e liberdade humana ao longo da história.

Quando Bacharel em Direito, Carolina Reis Theodoro da Silva, orientada pelo Doutor e Mestre em Direito, Pedro Pulzatto Peruzzo, pela PUC-Campinas, publicou na revista ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura, em seu Artigo “A Literatura Como Direito Humano”, escrevendo:

Ocorre que, para se pensar em direitos humanos, é fundamental refletirmos acerca de um pressuposto, que, para Antonio Candido, no capítulo Direito à literatura de sua obra Vários escritos (1995, p. 254), é: “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo.” Para ele, é comum pensarmos que todos têm direito a certos bens fundamentais, como moradia, educação e comida, mas raramente estendemos todos os nossos direitos ao próximo. (THEODORO DA SILVA, 2019, p. 515).

Essa afirmação destaca a importância da empatia e da solidariedade na sociedade. Reconhecer que o que é indispensável para nós também deve ser para os outros implica um entendimento profundo de que todos compartilham necessidades humanas básicas, como moradia, educação e alimentação. Muitas vezes, podemos ser egoístas ou indiferentes às dificuldades alheias, pensando que esses direitos são apenas para nós.

Esse reconhecimento nos convida a refletir sobre a interconexão entre os indivíduos e a responsabilidade que temos uns pelos outros. Ao estendermos nossos direitos e preocupações ao próximo, promovemos um ambiente mais justo e igualitário, onde todos têm a oportunidade de viver dignamente. É um chamado à ação para que não apenas lutemos por nossos próprios direitos, mas também pelos direitos dos outros, criando uma comunidade mais solidária e humana.

Na obra "Ética e Moral", Leonardo Boff (2003), aborda a ética a partir de uma perspectiva humanista e social, enfatizando a importância da dignidade humana e da justiça. Embora não tenha uma seção específica dedicada exclusivamente à luta por direitos humanos, Boff discute princípios que são fundamentais para essa luta, como a solidariedade, a justiça social e o respeito à vida.

Boff argumenta que a ética deve estar comprometida com a promoção do bem-estar de todos, especialmente dos mais vulneráveis. Essa abordagem está alinhada com os conceitos de direitos humanos, pois defende que todos têm direito a condições dignas de vida e a um tratamento justo.

Ainda Boff, em seus escritos sobre ecologia e justiça social, propõe uma visão utópica onde a transformação é possível através da conscientização. Para ele, a justiça não é apenas uma questão legal, mas envolve uma profunda conexão com a natureza e com os direitos humanos. De modo que ele nos lembra que a luta por justiça deve incluir a voz dos excluídos e marginalizados, promovendo uma ética de cuidado que permeia todas as esferas da vida. Essa busca pela justiça social é um chamado à ação coletiva, onde cada indivíduo pode contribuir para um mundo mais equitativo.

A despeito das incoerências que a vida por si só nos oferta, Boff vem nos ensinar que a justiça é um dos pilares da convivência humana, e ela só se realiza plenamente quando se busca garantir a dignidade de todos, especialmente dos mais vulneráveis; essa traz o destaque de que a justiça é um dos pilares fundamentais da convivência humana, essencial para a construção de relações sociais saudáveis; pois, sem justiça, as interações entre as pessoas podem se tornar desiguais e conflituosas, comprometendo o bem-estar coletivo. Boff enfatiza que a verdadeira justiça vai além de normas e leis; ela se concretiza na garantia da dignidade de todos os indivíduos. Isso implica assegurar que cada pessoa tenha acesso a direitos básicos, oportunidades e respeito;

Há um descuido e um descaso pela vida inocente de crianças usadas como combustível na produção para o mercado mundial. Os dados da Organização Mundial da Infância de 1998 são aterrores: 250 milhões de crianças trabalham. Na América Latina 3 em cada 5 crianças trabalham. Na África, uma em cada 3. E na Ásia uma em cada duas. São pequenos escravos a quem se nega a infância, a inocência e o sonho. Não causa admiração se são assassinadas por esquadrões de extermínio nas grandes metrópoles da América Latina e da Ásia. (BOFF, 1999, p. 18).

Nesta comparação, só para confrontar os dados, acredito ser importante atualizar as informações do texto, e, conforme publicado no sítio eletrônico do Extra Classe, com redação do Jornalista Marcelo Mena Barreto, encontramos a seguinte informação:

Um em cada dez menores em todo o mundo é obrigado a trabalhar para sua subsistência ou de sua família. Ao todo, a estimativa das Nações Unidas (ONU) aponta para a existência de 160 milhões de crianças nessa situação neste dia 12 de junho, data em que é marcado o Dia Mundial contra o Trabalho Infantil.

No Brasil, neste primeiro semestre de 2024, o Disque 100 registrou 1.251 denúncias de crianças submetidas ao trabalho. A desigualdade social, a pobreza e o racismo estrutural são as principais causas do problema no país.

A situação não é diferente em nível global. As regiões mais pobres do planeta congregam menores na mesma situação dos casos denunciados no Brasil.

A porcentagem de crianças submetidas ao trabalho é maior em países onde a renda per capita é menor, mas em números absolutos o trabalho infantil é mais acentuado nas economias de renda média.

A África é a região mais afetada, com 72 milhões de crianças e adolescentes envolvidas no trabalho infantil. Isso representa um quinto do total mundial.

A Ásia e o Pacífico, em seguida, registram 7% do total. São 62 milhões de menores de idade que trabalham. (MENA BARRETO, Extra Classe, 2024).

Particularmente importante é o foco nos mais vulneráveis, pois a justiça deve olhar especialmente para aqueles que frequentemente são marginalizados ou oprimidos na sociedade, como os pobres, minorias étnicas, mulheres e pessoas com deficiência. A verdadeira justiça se manifesta quando as necessidades desses grupos são atendidas e suas dignidades são respeitadas. Assim, Boff sugere que a realização plena da justiça está intrinsicamente ligada à preocupação ativa em promover uma sociedade mais equitativa e solidária, onde todos possam viver com dignidade.

Miguel de Cervantes, em “Dom Quixote”, cria um herói complexo que ilustra a tensão entre idealismo e realidade. Sua luta contra moinhos de vento simboliza as batalhas contra injustiças. Embora sua busca por honra e justiça esteja repleta de desilusões, ela nos lembra da importância de lutar pelos princípios, mesmo diante de obstáculos.

Dom Quixote nos ensina, por seu modo de encarar o mundo que as lutas devem e precisam ser encaradas, como o faz quando encontra os “gigantes”:

Nisso, avistaram trinta ou quarenta moinhos de vento que há naquele campo. Mal Dom Quixote os viu, disse a seu escudeiro:

– O acaso vai guiando nossas coisas melhor do que poderíamos desejar: olha lá, amigo Sancho Pança, onde estão uns trinta gigantes monstruosos, com quem penso travar batalha e a todos tirar as vidas. Com os despojos deles começaremos a enriquecer, que esta guerra é boa, e grande serviço presta a Deus quem varre da face da terra semente tão maligna.

– Que gigantes? Disse Sancho Pança.

– Aqueles ali, de braços compridos – respondeu o amo. – Alguns costumam ter braços de quase duas léguas.

– Olha vossa mercê – respondeu Sancho –, aqueles que estão ali não são gigantes, mas moinhos de vento, e o que neles parecem braços são as pás, que, rodadas pelo vento, fazem trabalhar as mãos.

– Bem se vê – respondeu dom Quixote – que não és versado em aventuras: eles são gigantes. E, se tens medo, some-te daqui e fica rezando enquanto isso, por que vou travar com eles uma batalha feroz e desigual. (CERVANTES, 2012a, p. 109).

Essa situação refere-se diretamente à famosa cena em que Dom Quixote confunde moinhos de vento com gigantes, simbolizando suas batalhas contra injustiças e a luta contra a

realidade, ao que ele, prontamente ousa desafiar, com o propósito de “travar batalha e a todos tirar as vidas”.

Essa premissa deve guiar nossas ações de maneira coerente em nossos desafios diários, assegurando as conquistas já alcançadas e sustentando aquelas que ainda precisamos conquistar, sempre levando em consideração as prioridades e necessidades de nosso próprio *ethos*.

Albert Einstein também contribui para essa reflexão quando do conjunto de suas publicações e discursos, conseguimos aduzir a afirmação, em tradução livre, de que “a paz não pode ser mantida à força; ela só pode ser alcançada através da compreensão”. Para Einstein, a partir de tudo que observamos de seus escritos, e, principalmente de seus discursos, a verdadeira justiça está intrinsecamente ligada à empatia e ao entendimento mútuo. Ele nos desafia a olhar além das aparências e a buscar soluções que promovam a harmonia social. A ciência, assim como a busca por justiça, requer um compromisso com a verdade e uma disposição para questionar o *status quo*.

A afirmação de Einstein sobre o pensamento filosófico, quando escreve sobre Bertrand Russell, reflete uma profunda inquietude sobre a natureza do conhecimento e sua relação com a realidade objetiva. Quando consideramos isso à luz da luta pelos direitos humanos e do anseio por justiça, podemos ver que essa reflexão filosófica é essencial para compreendermos as bases éticas que sustentam esses direitos, conforme escreve Einstein:

Na história da evolução do pensamento filosófico através dos séculos, uma questão vem sempre em primeiro lugar: que conhecimentos o pensamento puro, independente das impressões sensoriais, podem oferecer? Será que tais conhecimentos existem? Do contrário, que relação estabelecer entre nosso conhecimento e a matéria bruta, origem de nossas impressões sensíveis? A essas questões e algumas outras estreitamente relacionadas corresponde uma desordem de opiniões filosóficas, absolutamente inimagináveis. Ora, nessa progressão de esforços meritórios, mas relativamente ineficazes, uma linha indestrutível vai se traçando e se reconhece: um crescente ceticismo manifesta-se diante de qualquer tentativa de procurar explicar pelo pensamento puro “o mundo objetivo”, o mundo dos “objetos” oposto ao mundo simplificado das “representações e dos pensamentos”. (EINSTEIN, 20245, pp. 33-34).

O ceticismo que Einstein menciona pode ser interpretado como um chamado à ação: se o conhecimento puro muitas vezes falha em explicar a complexidade do mundo real, é preciso buscar formas mais integradas de entendimento que levem em conta as experiências e as realidades vividas pelas pessoas. A luta pelos direitos humanos exige uma compreensão que

vá além das teorias abstratas; ela demanda uma conexão profunda com as realidades sociais e históricas que moldam as vidas dos indivíduos.

Além disso, essa desordem de opiniões filosóficas pode refletir a diversidade de vozes e perspectivas que estão presentes na luta por justiça social. Enquanto algumas correntes filosóficas podem buscar verdades universais, outras enfatizam a importância das narrativas pessoais e das experiências vividas. Essa pluralidade é crucial no contexto dos direitos humanos, onde cada história traz à tona injustiças específicas e clama por reconhecimento e reparação.

Assim, ao alinharmos a crítica de Einstein sobre o conhecimento puro com os desafios contemporâneos da luta pelos direitos humanos, percebemos que um entendimento mais holístico — que valoriza tanto a razão quanto a experiência sensorial — é essencial para promover uma sociedade mais justa e equitativa. A busca pela verdade deve ser acompanhada pela empatia e pelo compromisso com a dignidade humana, refletindo um entendimento mais profundo do "mundo objetivo" que todos habitamos.

Muito influenciado pela suposta polarização na política brasileira, o discurso de que a atuação da Defensoria Pública em temas relacionados aos Direitos Humanos – combate ao racismo, diversidade sexual, segurança pública, gênero, por exemplo – seria influenciado por preferências partidárias ou pela capacidade de algum partido político influenciar na atuação de defensores públicos, revela, na realidade, o desconhecimento das transformações profundas introduzidas pela Lei Complementar nº 132/2009 na Instituição, deixando de ser apenas uma garantidora do acesso individual ao Judiciário e passando a ser uma verdadeira agência estatal contramajoritária de garantia dos direitos fundamentais. (PACHECO, 2023: 19).

As palavras de Rodrigo Baptista Pacheco, na obra de Luís Henrique Linhares Zouein, Manual de Direitos Fundamentais à Luz do Direito Internacional dos Direitos Humanos, destaca a importância da Defensoria Pública na promoção dos Direitos Humanos, enfatizando sua evolução para uma agência estatal contramajoritária que garante direitos fundamentais, em vez de ser apenas um facilitador do acesso ao Judiciário. Essa transformação é crucial em um contexto político polarizado, onde a luta pela justiça muitas vezes é mal compreendida.

A análise das obras de Boff, Cervantes e Einstein revela que a busca por justiça requer uma abordagem interdisciplinar. A Defensoria Pública, inspirada nesses princípios, atua em três frentes:

1. **Ética:** promovendo valores de igualdade e dignidade.

2. **Social:** protegendo direitos fundamentais.

3. **Política:** garantindo acesso à justiça.

Essa abordagem holística reflete a complexidade da busca por justiça. É um convite à reflexão sobre como nossos ideais se confrontam com os defendidos por Cervantes ou na promoção do entendimento promovida por Einstein. Essa sinergia ressalta a necessidade de uma atuação comprometida e consciente, capaz de transcender polarizações e garantir que todos os indivíduos tenham seus direitos respeitados e protegidos com as realidades do mundo. A luta pela justiça exige coragem para enfrentar os moinhos de vento da nossa sociedade — seja na luta ambiental proposta por Boff, na defesa dos valores humanos d

O que temos aqui é um convite à reflexão sobre como nossos ideais se confrontam com as realidades do mundo. A luta pela justiça exige coragem para enfrentar os moinhos de vento da nossa sociedade — seja na luta ambiental proposta por Boff, na defesa dos valores humanos defendidos por Cervantes ou na promoção do entendimento promovida por Einstein.

Neste caminho em busca da justiça, somos chamados não apenas a sonhar com um futuro melhor, mas também a agir coletivamente para torná-lo realidade. A verdadeira transformação começa dentro de nós e se expande para o mundo ao nosso redor.

CAPÍTULO 3: A REPRESENTAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E A LUTA POR JUSTIÇA EM DOM QUIXOTE

A obra "Dom Quixote", de Miguel de Cervantes, é um marco na literatura que transcende o tempo, superando sua narrativa cômica e aventureira. Ela apresenta uma intrincada combinação entre os direitos humanos e a busca por justiça, promovendo uma profunda reflexão sobre a natureza humana e as complexidades das relações sociais. O protagonista, Dom Quixote, vai além de ser um mero símbolo da luta contra as injustiças; ele se garante como uma representação poderosa do idealismo que se fortalece com os valores fundamentais dos direitos humanos.

3.1 A REPRESENTAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NA OBRA DE CERVANTES

Na narrativa quixotesca, a representação dos direitos humanos se manifesta de diversas maneiras. Dom Quixote, ao assumir a identidade de um cavaleiro andante, busca defender os oprimidos e restaurar a honra dos injustamente tratados. Sua visão distorcida do mundo o leva a batalhar contra inimigos que, muitas vezes, existem apenas em sua imaginação, como os moinhos de vento que ele confunde com gigantes. Essa confusão simboliza a luta constante entre a realidade e a ilusão, refletindo a complexidade da natureza humana e as relações sociais que frequentemente ignoram a dignidade e os direitos do próximo. A obra nos convida a questionar como a luta por um mundo mais justo é marcada por mal-entendidos e desafios, mas também é uma expressão do desejo humano de buscar a equidade e a justiça. Assim, Cervantes apresenta um retrato da condição humana que é, ao mesmo tempo, trágico e inspirador.

A Doutora em Direito Constitucional, Melina Girardi Fachin, em seu artigo “Utopia Quixotesca dos Direitos Humanos”, na revista ANAMORPHOSIS, faz a seguinte relação entre a literatura e os Direitos Humanos:

O discurso literário é mais diverso, complexo, heterodoxo e imaginativo – o que lhe permite maior plasticidade, sensibilidade e atenção à realidade; ingredientes dos quais o direito precisa para se comprometer com a realidade daqueles a quem pretende tutelar. A literatura oferece ao direito um vasto repertório de observação das relações humanas sociais, bem como traz liberdade ao direito reiteradamente desconstruindo os formalismos da estrutura jurídica. A análise de obras literárias – como O engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha – oferece diferentes perspectivas à interpretação dos direitos humanos, principalmente àquelas comprometidas com a realidade.

O vínculo entre o Direito e a Literatura abrolha da narrativa.
(FACHIN, 2017, p. 154).

A citação destaca a riqueza do discurso literário como uma ferramenta fundamental para a compreensão e interpretação dos direitos individuais, enfatizando que sua diversidade e imaginação possibilitam uma sensibilidade maior em relação à realidade social. A literatura, ao oferecer uma ampla gama de observações sobre as interações humanas, contribui para que o Direito se conecte mais profundamente com as vidas das pessoas que busca proteger. Ao analisar obras como "Dom Quixote de La Mancha", é possível encontrar novas perspectivas sobre os direitos humanos, especialmente em contextos que exigem uma abordagem mais próxima da realidade vivida. Assim, o vínculo com a Literatura emerge da narrativa, permitindo que os formalismos jurídicos sejam questionados e reinterpretados à luz das experiências humanas, promovendo uma compreensão mais rica e contextualizada dos direitos individuais.

3.2 A FIGURA DO HERÓI QUIXOTESCO

Dom Quixote se destaca como um herói peculiar, cuja luta se fundamenta em princípios de justiça, honra e idealismo. Ele não hesita em se colocar em situações perigosas para defender aqueles que considera injustamente tratados, mesmo que suas ações muitas vezes resultem em consequências imprevistas. Essa figura emblemática da luta contra a opressão revela que o verdadeiro heroísmo não reside apenas em ações grandiosas, mas na disposição de enfrentar adversidades em nome de um ideal maior. A determinação de Dom Quixote em desafiar as normas sociais e lutar contra as injustiças, mesmo que ilusórias, nos ensina que a busca por justiça é um valor intrínseco à condição humana. Através de suas ações, Cervantes nos mostra que a busca por um mundo mais justo e igualitário, embora muitas vezes vista como quixotesca, é essencial para a construção de uma sociedade mais solidária.

Em seu Volume II, Cervantes, continuando a saga de Dom Quixote, no Capítulo LXII, apresenta um interessante diálogo, quando Dom Quixote é levado a passear em roupas comuns, sem a presença de Sancho, e sem os aparatos de Cavaleiro que era, porém colocando-se lhe às costas um cartaz que dizia “Este é dom Quixote de la Mancha”:

Mas então aconteceu que, indo dom Quixote aclamado como se disse, um castelhano que leu o cartaz levantou a voz, dizendo:

— Que o diabo te carregue, dom Quixote de la Mancha! Como chegaste até aqui sem morrer das inúmeras sovas que levaste no lombo? Tu és louco de atar, e se o fosses a sós, atrás das portas de tua loucura, a coisa não seria tão ruim, mas tens a propriedade de

tornar loucos e mentecaptos a quantos te conhecem e lidam contigo. Se não, olhem para esses senhores que te acompanham. Volta para casa, seu imbecil, e vai cuidar de tua vida, de tua mulher e de teus filhos, e deixa dessas tolices que te roem os miolos e te desandam o entendimento.

*— Vamos, meu irmão — disse dom Antônio —, **seguí vosso caminho e não deis conselhos a quem não vos pede nada. O senhor dom Quixote de la Mancha é a sensatez em pessoa, e nós, que o acompanhamos, não somos nada tolos; a virtude deve ser honrada onde quer que se encontre**, e andai enquanto é tempo e não vos meteis onde não sois chamado.*

— Por Deus, vossa mercê tem razão — respondeu o castelhano —, pois aconselhar este bom homem é dar murro em ponta de faca; mas, mesmo assim, sinto uma grande tristeza ao pensar que o bom senso que dizem que este mentecapto tem em todas as coisas deságue pelo canal de sua cavalaria andante. Que o puxão de orelha que vossa mercê me deu valha para todos os meus descendentes, se eu de hoje em diante, mesmo que viva mais que Matusalém, aconselhar alguém, ainda que me peça. (CERVANTES, 2017b, p. 542). (GRIFO NOSSO).

Do diálogo acima, a partir da afirmação em negrito é possível ressaltar a importância de respeitar o caminho e as decisões dos outros, sugerindo que a sabedoria se manifesta em não impor conselhos a quem não os busca. Ao se referir a Dom Quixote como "a sensatez em pessoa", reconhece-se que, apesar de suas ilusões, ele personifica um ideal de virtude e coragem que merece respeito. Aqueles que o acompanham, mesmo cientes da sua condição, não são considerados tolos, pois compartilham de uma jornada que transcende a lógica comum. A ideia de que "*a virtude deve ser honrada onde quer que se encontre*" sugere que devemos valorizar ações nobres, independentemente de sua origem. Por fim, a exortação para "*andar enquanto é tempo*" e evitar se envolver em assuntos alheios destaca a necessidade de discernimento e do reconhecimento dos limites do nosso papel nas vidas dos outros, promovendo uma convivência mais harmoniosa e respeitosa.

3.3 A BUSCA POR JUSTIÇA E OS DIREITOS INDIVIDUAIS

A incessante busca de Dom Quixote por justiça está intimamente ligada aos direitos individuais, refletindo uma preocupação com a dignidade humana. Mesmo que suas intervenções muitas vezes resultem em mais confusão do que ajuda, elas são uma manifestação de sua solidariedade para com os oprimidos e marginalizados. O ato de tentar libertar os prisioneiros, por exemplo, ilustra seu compromisso com a liberdade e a dignidade humana, ressoando com os princípios consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Essa

busca, no entanto, é permeada por uma ilusão que questiona até que ponto a luta por justiça pode ser efetiva em um mundo que frequentemente nega os direitos individuais. A obra provoca uma reflexão sobre as limitações da idealização da justiça e sobre como a realidade pode distorcer as intenções mais nobres.

A busca incessante de Dom Quixote por justiça, assim analisadas, ressoa profundamente com as reflexões de Leonardo Boff e Albert Einstein, cada um à sua maneira, sobre a dignidade humana e a luta por direitos.

Leonardo Boff, em suas obras quase sempre discutindo ética e espiritualidade, enfatiza a importância da solidariedade e do cuidado com os outros. Ele defende que a verdadeira justiça deve ser baseada na compaixão e na inclusão dos marginalizados, refletindo o compromisso de Dom Quixote em lutar pelos oprimidos. A busca quixotesca por liberdade e dignidade humana pode ser vista como uma antecipação dos princípios de Boff, que argumenta que a transformação social deve começar pela valorização da vida e do ser humano em sua totalidade. Assim como Dom Quixote, Boff reconhece que a luta pela justiça pode ser repleta de desafios e ilusões, mas é essa busca que dá sentido à vida e à existência.

Assim se declara Boff, dentre muitas oportunidades, mas nessa em especial, quando afirma:

A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas. A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua vida e liberdade constituiu e ainda constitui a marca registrada dos grupos sociais e das igrejas que se puseram à escuta do grito dos empobrecidos que podem ser tanto os trabalhadores explorados, os indígenas e negros discriminados, quanto as mulheres oprimidas e as minorias marginalizadas, como os portadores do vírus da Aids ou de qualquer outra deficiência. Não são poucos aqueles que não sendo oprimidos se fizeram aliados dos oprimidos, para junto com eles e na perspectiva deles empenhar-se por transformações sociais profundas. (BOFF, 1999, P. 141).

A afirmação de Boff reflete a essência da jornada de Dom Quixote, que, apesar de suas ilusões, busca ativar uma consciência crítica sobre a injustiça ao seu redor. Assim como Quixote tenta libertar os prisioneiros e defender os oprimidos, Boff destaca que a verdadeira libertação deve vir dos próprios oprimidos, que precisam se conscientizar e se organizar para transformar as estruturas sociais injustas. A solidariedade entre aqueles que não são oprimidos e os que lutam por seus direitos é fundamental para essa transformação, ecoando a ideia de que a luta por justiça deve ser coletiva e inclusiva. Portanto, tanto em "Dom Quixote" quanto no

pensamento de Boff, a emancipação social é um processo ativo que requer conscientização, organização e aliança entre diferentes grupos marginalizados.

Por outro lado, Albert Einstein também se manifestou sobre questões sociais e éticas, especialmente em relação à justiça e aos direitos humanos. Ele acreditava na responsabilidade individual de lutar contra as injustiças sociais. A figura de Dom Quixote pode ser vista como um símbolo dessa luta idealista que, embora às vezes infrutífera, é necessária para provocar mudanças. Einstein enfatizava que a luta pelo que é certo muitas vezes enfrenta resistência da realidade – uma ideia que ecoa a ilusão que permeia as ações de Dom Quixote. O cientista também reconhecia que o idealismo deve ser equilibrado com uma compreensão pragmática da situação social.

Em março de 1933, em sua luta contra o Nacional-Socialismo, naquilo que passamos a chamar de Profissão de Fé de Einstein, registra:

Como um indivíduo, um organismo social pode cair psicologicamente doente, sobretudo em épocas de crise. Em geral, as nações tomam a peito vencer tais doenças. Espero portanto que sadias relações se restabeleçam na Alemanha e que no futuro, gênios como Kant e Goethe não sejam motivo de rito de um festival de cultura, mas que os princípios essenciais de suas obras se imponham concretamente na vida pública e na consciência de todos. (EINSTEIN, 2024, p. 79).

O que escreve Einstein ressoa com a busca de Dom Quixote por justiça e dignidade em um mundo marcado pela opressão, assim como o pensamento de Boff sobre a conscientização e a transformação social. Quando Einstein menciona que um organismo social pode ficar "psicologicamente doente", ele se refere à necessidade de cura e renovação das relações sociais, algo que Quixote tenta realizar ao confrontar as injustiças ao seu redor. A esperança de que os princípios de grandes pensadores, como Kant e Goethe, se tornem realidade na vida pública reflete a ideia de Boff de que a transformação deve ser coletiva e ativa. Assim, tanto Einstein quanto Boff enfatizam a importância da consciência crítica e da ação social para restaurar a saúde das sociedades, promovendo valores humanos essenciais que lutam contra a opressão e buscam a liberdade e a dignidade para todos.

A *International Bar Association* (IBA), a mais importante organização mundial dos profissionais do Direito e das ordens e associações de advogados, na obra: *Direitos Humanos na Administração da Justiça: Um Manual de Direitos Humanos para Juízes, Procuradores e Advogados*, apresenta:

Após as atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial, a acentuada necessidade de manter a paz e a justiça para a espécie humana precipitou uma pesquisa sobre as formas de reforçar a

cooperação internacional, incluindo-se a cooperação almejada tanto na proteção da pessoa humana contra o exercício arbitrário do poder do Estado como na melhoria das condições de vida. Os alicerces de um novo ordenamento jurídico internacional baseado em determinados objetivos e princípios fundamentais foram assim expostos em São Francisco, em 26 de junho de 1945, com a adoção da Carta das Nações Unidas. (IBA, In: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2011/11/human%20rights%20in%20the%20administration%20of%20justice%20portuguese.pdf>. Capítulo 1, p. 2, 2024).

A citação sobre a necessidade de manter a paz e a justiça após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial destaca a importância da proteção dos direitos humanos e da cooperação internacional, refletindo um ideal que busca prevenir abusos de poder. Essa ideia de um novo ordenamento jurídico internacional, fundamentado em princípios de justiça e dignidade humana, pode ser conectada à reflexão crítica proposta pela obra de Cervantes.

Assim como a Carta das Nações Unidas representa um ideal de harmonia e justiça, "Dom Quixote" ilustra como as intenções nobres podem ser distorcidas pela dura realidade. A luta do protagonista para alcançar ideais elevados, mesmo diante de obstáculos e decepções, ressoa com a mensagem de que a busca por justiça é um esforço contínuo. Boff e Einstein corroboram essa perspectiva ao enfatizar que, apesar das dificuldades, é essencial persistir na busca por um mundo mais justo.

Ambos os textos, portanto, abordam a tensão entre idealismo e realidade: enquanto a Carta das Nações Unidas simboliza um compromisso global com os direitos humanos, "Dom Quixote" nos lembra que esses ideais podem enfrentar desafios significativos. Essa interseção entre literatura e direitos humanos é crucial para formar consciências sociais mais críticas e engajadas na promoção da justiça.

Portanto, a jornada quixotesca não é apenas uma busca pessoal por justiça; ela representa um chamado universal para todos nós nos engajarmos ativamente na defesa da dignidade humana e na luta contra as injustiças do mundo, mesmo diante das dificuldades e decepções que essa luta pode trazer.

3.4 A RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA DA OBRA

Os temas abordados em "Dom Quixote" permanecem relevantes nos dias atuais, onde a luta por direitos humanos e a busca por justiça social continuam a desafiar sociedades contemporâneas. As questões de desigualdade, opressão e a luta por dignidade ainda ecoam nas vozes daqueles que se levantam contra injustiças. O idealismo de Dom Quixote nos inspira a refletir sobre a importância de lutar contra as injustiças, mesmo quando os obstáculos parecem

insuperáveis. A obra nos lembra que a busca por um mundo mais justo é um esforço coletivo que exige coragem, resiliência e a disposição de enfrentar as adversidades. Cada um de nós, à sua maneira, pode se tornar um quixote em nossa própria luta por dignidade e direitos, inspirando outros a se unirem nessa jornada.

Na tentativa de criar uma relação entre a obra literária, conforme discutida no contexto de Cervantes e, por vezes, relacionada a Saramago, revela a importância da literatura como um veículo essencial para a expressão e preservação dos direitos culturais, que são uma extensão dos direitos humanos. Ambos os autores, embora separados por séculos, abordam temas universais que falam sobre a condição humana, a justiça e a busca por significado em um mundo muitas vezes desigual.

Assim, abstraímos de Carolina Reis Theodoro da Silva:

Como vimos, os direitos culturais são parte integrante dos direitos humanos, mas, atualmente, os direitos culturais sofrem diversas limitações em razão de políticas públicas ineficazes ou inexistentes. Tomando o texto literário, objeto central da literatura, como um bem cultural, justamente por seu caráter artístico e formador da identidade, o direito à literatura dialoga diretamente com os direitos culturais e, portanto, com os direitos humanos. (THEODORO DA SILVA, 2019, p. 533).

Cervantes, em "Dom Quixote", explora as complexidades da identidade e da realidade através de um protagonista que desafia as normas sociais e as injustiças de sua época. A obra não apenas reflete a cultura espanhola do século XVII, mas também provoca reflexões sobre valores universais, como a dignidade e a liberdade. De modo que Cervantes, através das aventuras e desventuras de Dom Quixote, nos mostra que a literatura é uma forma poderosa de questionar e criticar as estruturas sociais que podem limitar os direitos dos indivíduos; chegando ao ponto de, nem ele mesmo, Cervantes, estar certo de publicá-las. O próprio Cervantes, ainda no Prólogo do primeiro livro de "Dom Quixote" escreve:

Gostaria somente de te dar esta história nua e crua, sem o ornamento de um prólogo nem do inumerável catálogo dos habituais sonetos, epigramas e elogios que se costuma pôr no começo dos livros. Porque posso te garantir que, nenhum foi maior do que fazer esta introdução que vais lendo. (...). Não a ocultando, eu disse que pensava no prólogo que tinha de fazer para a história de dom Quixote e me achava num estado em que nem queria fazê-lo, nem muito menos publicar as façanhas de tão nobre cavaleiro sem ele. (CERVANTES, 2012a, p. 42).

Saramago, por sua vez, em obras como "Ensaio sobre a cegueira", utiliza a narrativa para explorar questões éticas e sociais contemporâneas. Ele nos convida a refletir sobre a condição humana em situações extremas, evidenciando como a falta de políticas públicas

eficazes pode levar à marginalização de grupos. Saramago destaca que o direito à literatura é fundamental para o fortalecimento da identidade cultural e para o exercício pleno da cidadania.

Saramago, logo no início “Ensaio Sobre a Cegueira”, aborda a complexidade da consciência moral humana e suas interações com o comportamento ético;

A consciência moral, que tantos insensatos têm ofendido e muitos mais renegado, é coisa que existe e existiu sempre, não foi uma invenção dos filósofos do Quaternário, quando a alma mal passava ainda de um projecto confuso. Com o andar dos tempos, mais as actividades da convivência e as trocas genéticas, acabámos por meter a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas, e, como se tanto fosse pouco, fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca. Acresce a isto, que é geral, a circunstancia particular de que, em espíritos simples, o remorso causado por um mal feito se confunde frequentemente com medos ancestrais de todo o tipo, donde resulta que o castigo do prevaricador acaba por ser, sem pau nem pedra, duas vezes o merecido. Não será possível, portanto, neste caso, deslindar que parte dos medos e que parte da consciência afligida começaram a apoquentar o ladrão assim que pôs o carro em marcha. Sem dúvida nunca poderia ser tranquilizador ir sentado no lugar de alguém que segurava com as mãos este mesmo volante no momento em que cegou, que olhou através deste pára-brisas e de repente ficou sem ver, não é preciso ser-se dotado de muita imaginação para que tais pensamentos façam acordar a imunda e rastejante besta do pavor, aí está ela já a levantar a cabeça. Mas era também o remorso, expressão agravada duma consciência, como antes foi dito, ou, se quisermos descrevê-lo em termos sugestivos, uma consciência com dentes para morder, que estava a pôr-lhe diante dos olhos a imagem desamparada do cego quando fechava a porta. Não é preciso, não é preciso, dissera o coitado, e daí para o futuro não seria capaz de dar um passo sem ajuda. (sic). (SARAMAGO, 2017, pp. 26-27).

A consciência humana não é uma invenção recente, mas uma parte essencial da nossa condição, moldada por experiências coletivas e individuais. Saramago aponta que essa consciência se manifesta em sentimentos como remorso e medo, especialmente diante de ações erradas. A moralidade, conforme descreve, liga-se aos direitos humanos: quando a consciência é ofendida, as consequências podem ser devastadoras, resultando em violações desses direitos. O remorso surge não apenas contra o indivíduo, mas também contra a coletividade, lembrando-nos da responsabilidade ética que temos de proteger os direitos fundamentais.

Ao relacionarmos com "Dom Quixote", vemos o protagonista lutando por ideais que desafiam normas estabelecidas. Como um cavaleiro andante, Quixote busca restaurar justiça em um mundo que perdeu sua moralidade.

Tanto Saramago quanto Cervantes enfatizam a importância da consciência ética na formação do caráter e na luta pela justiça. Ambos nos convidam a refletir sobre nossa própria moralidade e responsabilidade social, destacando o impacto de nossas ações no coletivo. Reconhecer o direito à literatura como um direito cultural fundamental fortalece essa luta pelos direitos humanos, permitindo que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

3.5 A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE EMPATIA NOS DIREITOS HUMANOS

Antônio Candido, renomado crítico literário brasileiro, destaca a leitura como um direito fundamental que oferece ao indivíduo diversidade de opções e preferências, vejamos o que ele aborda,

(...), mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal. (CANDIDO, 2006, p. 18).

Essa afirmação aborda a relação entre a liberdade criativa na literatura e a representação da realidade. Destacamos algumas das ideias principais:

Liberdade Criativa: A primeira parte menciona que, mesmo dentro de uma "orientação documentária" (que pode se referir a um estilo de escrita que busca ser fiel à realidade), a literatura ainda possui um espaço para a "fantasia". Isso sugere que os escritores têm a liberdade de modificar ou reinterpretar a realidade para torná-la mais expressiva. Essa modificação é uma forma de liberdade artística.

Modificação da Ordem do Mundo: A ideia de "modificar a ordem do mundo" implica que, para criar algo impactante ou expressivo, o autor pode precisar distorcer ou alterar a realidade tal como ela é percebida. Isso não é uma traição no sentido negativo, mas sim uma "traição metódica", o que indica que essa alteração é feita de forma consciente e intencional.

Sentimento da Verdade: O texto sugere que, através dessas modificações, o leitor pode chegar a um "sentimento da verdade". Ou seja, mesmo que o que está sendo apresentado não seja uma representação fiel da realidade, ele pode evocar verdades emocionais ou existenciais que ressoam com o leitor.

Paradoxo do Trabalho Literário: O paradoxo mencionado refere-se ao fato de que essa liberdade criativa e as alterações na realidade são essenciais para o trabalho literário.

Essa abordagem garante eficácia na representação do mundo, pois permite que os autores explorem temas complexos e profundos que vão além do que é meramente factual.

Perigosa Simplificação Causal: Por fim, o texto alerta sobre o risco de simplificar excessivamente ao tentar entender uma obra literária apenas pela sua correspondência com a realidade exterior. A literatura não deve ser vista apenas como um espelho da realidade; ela também envolve interpretações subjetivas e experiências humanas que não podem ser reduzidas a meras correspondências.

Em síntese, o texto defende que a literatura tem um papel importante em modificar e reinterpretar a realidade para transmitir verdades mais profundas e expressivas, e essa liberdade criativa é fundamental para sua eficácia. Se você quiser discutir mais sobre literatura ou explorar alguma parte específica do texto, estou aqui para ajudar!

Retomando o texto de Cervantes, vamos descobrindo que no caso de Alonso Quijano, posteriormente transformado em Dom Quixote, observamos o impacto significativo da literatura e da leitura em sua metamorfose, que evolui de uma ideologia para uma ação concreta, permeada por justiça e empatia.

São visíveis as contribuições da literatura e da leitura para Alonso Quijano, sob a ótica de sua própria leitura.:

Despertar da imaginação e idealismo: A leitura dos romances de cavalaria desperta a imaginação de Alonso Quijano, fazendo-o sonhar com uma realidade idealizada.

Transformação de valores e perspectivas: A leitura influencia sua escala de valores, priorizando honra, justiça e coragem sobre a realidade cotidiana.

Construção de uma identidade: Quijano se identifica com os heróis dos romances, adotando o nome "Dom Quixote" e assumindo uma nova identidade.

Desenvolvimento crítico e questionamento da realidade: A leitura o leva a questionar a realidade, distinguindo entre o ideal e o real.

Como toda ação reflete em consequências, podemos perceber de forma clara o que acontece com a metamorfose de Dom Quijano em Dom Quixote.

Perda da noção de realidade: Dom Quixote confunde fantasia e realidade, levando a situações absurdas.

Conflitos sociais: Sua nova identidade gera conflitos com a sociedade, que não compreende sua visão de mundo.

Desenvolvimento crítico: A leitura o torna mais crítico em relação à sociedade, questionando as estruturas de poder.

Vem, pois, a leitura transformar Alonso Quijano em um 'legítimo' cavaleiro andante, trazendo benefícios, tais como desenvolvimento intelectual, empreendedorismo e busca por justiça; por outro lado, também traz alguns malefícios: desconexão da realidade, conflitos sociais e idealismo extremo.

A leitura, como direito, permitiu que Alonso Quijano se transformasse em Dom Quixote, ilustrando a dupla face da literatura: inspiradora e desafiadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra "Dom Quixote", escrita por Miguel de Cervantes, transcende sua narrativa cômica e aventuras fantásticas, oferecendo uma rica tapeçaria de temas que dialogam diretamente com os direitos humanos e a busca por justiça. O protagonista, Dom Quixote, emerge como um símbolo da luta contra as injustiças sociais, representando um idealismo que, embora frequentemente distorcido por sua percepção fantasiosa da realidade, ressoa com valores fundamentais de dignidade e respeito.

A representação dos direitos humanos na obra se manifesta de várias formas. Dom Quixote, ao assumir a identidade de um cavaleiro andante, busca defender os oprimidos e restaurar a honra daqueles que foram injustamente tratados. Sua visão distorcida do mundo leva-o a combater inimigos que, muitas vezes, existem apenas em sua imaginação, como os moinhos de vento que confunde com gigantes. Essa confusão simboliza a luta constante entre a realidade e a ilusão, refletindo a complexidade da natureza humana e as relações sociais que frequentemente ignoram a dignidade e os direitos do próximo.

O idealismo de Dom Quixote nos inspira a refletir sobre a importância de lutar contra as injustiças, mesmo quando os obstáculos parecem insuperáveis. A busca por um mundo mais justo é um esforço coletivo que exige coragem, resiliência e a disposição de enfrentar as adversidades. Cada um de nós, à sua maneira, pode se tornar um Quixote em nossa própria luta por dignidade e direitos, inspirando outros a se unirem nessa jornada.

Cervantes, através das aventuras e desventuras de Dom Quixote, nos mostra que a literatura é uma forma poderosa de questionar e criticar as estruturas sociais que podem limitar os direitos dos indivíduos. A obra não apenas reflete a cultura espanhola do século XVII, mas também provoca reflexões sobre valores universais, como dignidade e liberdade. Portanto, a literatura serve como um veículo essencial para a expressão e preservação dos direitos culturais, que são uma extensão dos direitos humanos.

A intersecção entre literatura, cultura e direitos humanos é crucial para garantir que as vozes de todos sejam ouvidas e respeitadas. O direito à literatura é fundamental para o fortalecimento da identidade cultural e para o exercício pleno da cidadania. Quando políticas públicas falham em proteger ou promover o acesso à literatura e à cultura, isso resulta em limitações que afetam diretamente os direitos e a identidade dos indivíduos.

Além disso, a luta de Dom Quixote por justiça e dignidade pode ser vista como uma antecipação dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Em suas ações, Dom Quixote reflete o direito à liberdade e à segurança pessoal, a luta contra a injustiça

e a solidariedade com os oprimidos. Ele se vê como um defensor dos oprimidos, alinhando-se com o espírito da DUDH, que enfatiza a dignidade e o respeito por todos os indivíduos.

Encontramos no Manual de Direitos Humanos a seguinte argumentação,

A respeito da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), vale mencionar que ela foi elaborada em 1948, como fruto do consenso sobre valores de cunho universal a serem seguidos pelo Estado, notadamente com a intenção de criar marco normativo refratário às condutas violadoras dos direitos humanos (especialmente as praticadas nas grandes guerras). A Declaração, aprovada na forma de resolução, constituiu verdadeiro marco à proteção universal do ser humano, porquanto garantiu que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, tratando-se de previsão do primeiro e mais fundamental direito de todos: o direito a ter direitos. (BRUNO DEL PRETI; LEPORI, 2024, pp. 256-257).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), elaborada em 1948, representa um consenso sobre valores universais que devem ser seguidos pelos Estados, com o propósito de estabelecer um marco normativo capaz de coibir condutas que violam os direitos humanos, especialmente aquelas resultantes das grandes guerras. A DUDH afirma que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, consagrando o direito a ter direitos como fundamento essencial.

Nesse contexto, a luta de Dom Quixote por justiça e dignidade pode ser interpretada como uma antecipação dos princípios consagrados na DUDH. Suas ações refletem o direito à liberdade e à segurança pessoal, bem como a resistência contra a injustiça e a solidariedade com os oprimidos. Assim, Dom Quixote se posiciona como um defensor dos marginalizados, alinhando-se ao espírito da DUDH ao enfatizar a dignidade e o respeito por todos os indivíduos. Essa conexão ressalta a importância de lutar incessantemente pelos direitos humanos, inspirando-nos a agir em prol da justiça e da igualdade em nossas próprias vidas.

É importante ressaltar que a busca incessante de Dom Quixote por justiça, embora permeada por ilusões, ressoa com as reflexões de pensadores contemporâneos, como Leonardo Boff e Albert Einstein. Ambos, de suas respectivas maneiras, enfatizam a importância da solidariedade e da responsabilidade individual na luta contra as injustiças sociais. A jornada quixotesca, portanto, não é apenas uma busca pessoal por justiça, mas um chamado universal para que todos nós nos engajemos ativamente na defesa da dignidade humana e na luta contra as injustiças do mundo.

Os temas abordados em "Dom Quixote" permanecem relevantes atualmente, onde a luta por direitos humanos e a busca por justiça social continuam a desafiar as sociedades contemporâneas. As questões de desigualdade, opressão e a luta por dignidade ainda ecoam nas

vozes daqueles que se levantam contra injustiças. Portanto, a obra de Cervantes nos convida a refletir sobre a importância da luta por um mundo mais justo e igualitário.

Em resumo, "Dom Quixote" é uma obra que não apenas narra as aventuras de um cavaleiro sonhador, mas também nos instiga a questionar as normas sociais e a nos engajar em uma luta contínua pela justiça e pelos direitos humanos. Através de seu idealismo, Dom Quixote se torna um ícone atemporal que nos lembra da importância de reconhecer a dignidade de todos e de lutar contra as injustiças, independentemente de quão grandes ou pequenos sejam os desafios que enfrentamos. Que possamos, assim como Dom Quixote, nos inspirar em seus ideais e buscar um mundo mais justo e humano.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *A Justiça e a Paz: A Ética da Liberdade*. São Paulo: Editora Ática, 1997a. 136 p.
- _____. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Editora Vozes, 1997b. 206 p.
- _____. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1998. 174 p.
- _____. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1999. 200 p.
- _____. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2003. 125 p.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRUNO DEL PRETI; LÉPORE, Paulo. *Manual de direitos humanos*. 4. ed. rev. atual. ampl. Salvador, BA: Editora Juspodivm, 2024. 640 p.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 200 p.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote (Volume 1)*. Tradução e notas de Ernani SSó. 1ª ed. 11ª reimpressão. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012a. 650 p.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote (Volume 2)*. Tradução e notas de Ernani SSó. 1ª ed. 11ª reimpressão. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012b. 668 p.
- Direitos humanos na administração da justiça: um manual de direitos humanos para juízes, procuradores e advogados. [S.l.]: [s.n.], 2011. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2011/11/human%20rights%20in%20the%20administration%20of%20justice%20portuguese.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2024.
- EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Tradução de H. P. de Almeida; prefácio de Marcelo Gleiser. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024, 155 p.
- FACHIN, Melina Girardi. *Utopia quixotesca dos direitos humanos*. Anamorphosis: Revista Internacional de Direito e Literatura, v. 3, n. 1, p. 153-169, jan.-jun. 2017. doi: 10.21119/anamps.31.153-169.
- LEITE, Carlos Henrique Bezerra. *Direitos humanos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.
- MENA BARRETO, Marcelo. *Uma em cada dez crianças no mundo trabalha para sobreviver*. Extraclasse, 2024. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/movimento/2024/06/uma->

em-cada-dez-criancas-no-mundo-trabalha-parasobreviver/#:~:text=Ao%20todo%2C%20a%20estimativa%20das,de%20crian %C3%A7as%20submetidas%20ao%20trabalho>. Acesso em: 21 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

PACHECO, Rodrigo Baptista. Apresentação. In: ZOUERIN, Luís Henrique Linhares. *Manual de direitos fundamentais à luz do direito internacional dos direitos humanos*. Boa Esperança, MG. 2023. P. 19.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 310 p.

THEODORO DA SILVA, Carolina Reis. *A Literatura Como Direito Humano*. Orientador: Pedro Pulzatto Peruzzo. ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura, v. 5, n. 2, p. 515-538, julho-dezembro 2019. doi: 10.21119/anamps.52.515-538.

